

Inimigo interno

DESVIO DE MUNIÇÃO NO BRASIL E EM UGANDA

Em outubro de 2006, combatentes assassinaram 16 soldados que conduziam operações de desarmamento forçado na região de Karamoja, no norte de Uganda. Os achados deste capítulo sugerem que alguns daqueles soldados podem ter sido mortos por projéteis que originalmente deveriam ser utilizados por eles próprios contra o inimigo. No Rio de Janeiro, Brasil, 52 policiais foram mortos em serviço em 2004. As evidências apresentadas nesse estudo indicam que alguns podem ter sido mortos por munição comprada originalmente para a própria força policial.

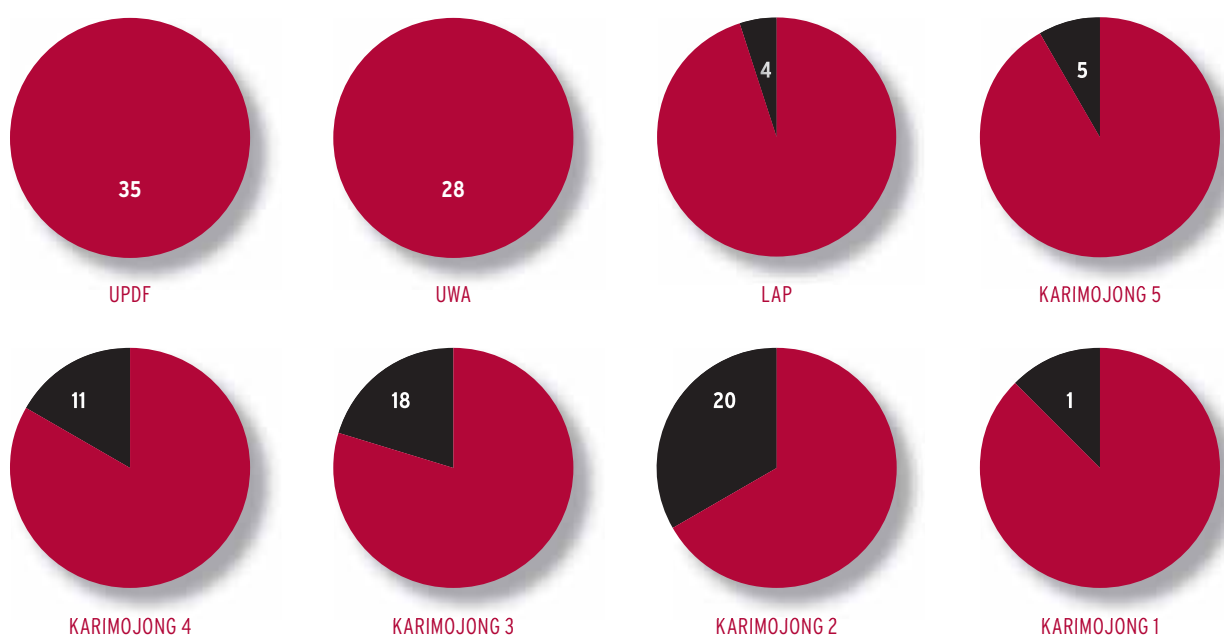
Este capítulo apresenta as conclusões de dois estudos-piloto que fazem parte do Projeto sobre Rastreamento de Munição do *Small Arms Survey*. Ambos foram conduzidos em locais com níveis extremamente altos de violência armada.

O capítulo revela evidências de que grande parte da munição que circula entre atores não-estatais nas duas regiões foi desviada de forma ilícita das forças de segurança estatais. Através do mapeamento e da qualificação do escoamento da munição, o capítulo estabelece evidências do papel crítico que o desvio de munição exerce na manutenção da violência armada.

Karamoja, norte de Uganda: os *karimojongs* são grupos semi-nômades de pastores cujos clãs vivem em conflito desde a década de 70. Numerosas iniciativas do governo para desarmar os guerreiros *karimojongs* foram frustradas em parte por causa do fornecimento de munição por membros das forças de segurança regular e auxiliar de Uganda.

Cinco razões apóiam esta conclusão. Primeiro, apesar de os estoques de munição das forças estatais de Uganda e dos *karimojongs* não serem exatamente iguais, são semelhantes o suficiente para concluir que atores estatais e não-estatais têm fontes de munição muito similares. Segundo, em depoimentos à imprensa de Uganda, fontes militares admitem negociar com membros da Unidade de Defesa Local (parte da força de defesa secundária do país) e seus companheiros *karimojongs*. Terceiro, munição de baixa qualidade fabricada em Uganda – o que foi publicamente criticado por membros das forças de segurança – circula entre os *karimojongs* em quantidades relativamente altas (veja figura 9.5). É importante destacar que a presença desse tipo de munição nas mãos das Forças Armadas é muito menos freqüente, sugerindo um fenômeno de abastecimento “por fora” por parte das forças

Figura 9.5 Munição 7.62 x 39 mm produzida pelas Indústrias Luwero (Uganda) e estocada por grupos em Karamoja (proporção por estoque de grupo) (n=402)



Produtor ■ Indústrias Luwero ■ Outros

Nota: os dados contidos do gráfico são relativos ao número de cartuchos individuais.

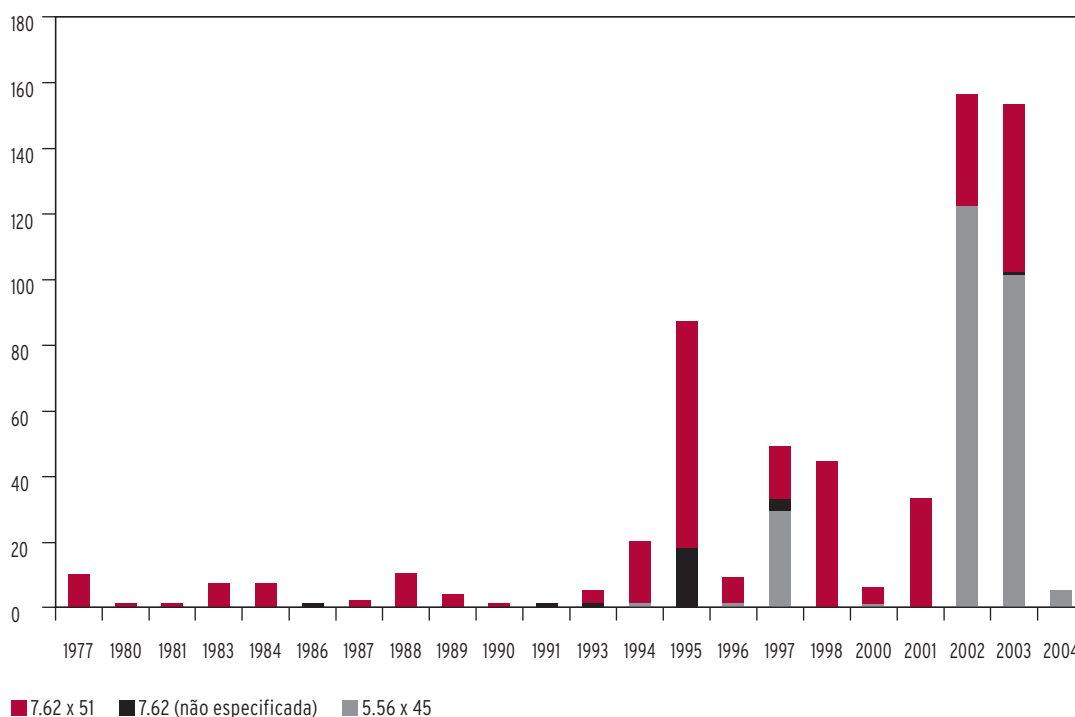
estatais. Quarto, existem evidências consideráveis de comércio de artigos militares além de armas e munição. Finalmente, os guerreiros *karimojongs* afirmam enfaticamente que a sua fonte principal de armas e munição são funcionários da força de segurança de Uganda e não estão nada satisfeitos de terem sido desarmados – em alguns casos várias vezes – e terem tido que comprar de volta as mesmas armas e munições.

Rio de Janeiro, Brasil: desde meados da década de 80, organizações criminais vêm conquistando o controle territorial sobre muitas comunidades de baixa renda (favelas) do Rio de Janeiro. Na briga pelo controle dos pontos de venda de droga, essas facções se envolvem freqüentemente em confrontos entre si e com as forças de segurança pública. A munição tem um papel fundamental na manutenção desse conflito e grande parte dela parece ter sido desviada das forças de segurança estatais.

Uma combinação de fatores sugere que estas forças de segurança – mais notadamente a polícia – são as fontes de grande parte da munição para os fuzis automáticos usados pelas organizações criminosas. Primeiro, a munição é de uso restrito da polícia do Rio de Janeiro, o número de civis que podem utilizá-la é limitado. Segundo, a prevalência da munição calibre 5.56 x 45 mm na amostra analisada fabricada em 2002 e 2003 coincide com os anos subseqüentes em que as forças policiais do Rio de Janeiro compraram grande quantidade de munição. Existe um paralelo semelhante entre o aumento da munição calibre 7.62 x 51 mm e a adoção pela polícia de armas desde calibre em meados da década de 90 (veja figura 9.10). Terceiro, a revelação, em julho de 2005, do envolvimento da polícia no desvio de munição em larga escala faz da corporação a maior fonte de munição para o mercado ilícito.

Figura 9.10 **Quantidade de munição para fuzis automáticos de uso restrito produzida pela CBC por calibre e por ano de fabricação (n=612)**

QUANTIDADE



Nota: nenhum cartucho fabricado em 1978, 1979, 1982, 1985, 1992 e 1999 foi encontrado na amostra, por isso, esses anos não estão representados na figura.
Fonte: dados do Departamento da Polícia Técnico-Científica (DPTC) analisados pelo Viva Rio

Finalmente, o período entre a data de fabricação da munição e sua apreensão no mercado ilícito é curto, o que – como no caso de Uganda – indica uma cadeia curta de fornecimento e uma fonte próxima do local da apreensão.

Conclusão: o capítulo conclui que as metodologias de rastreamento de munição apresentadas são ferramentas vitais para a compreensão do escoamento ilícito da munição. Os casos de Karamoja e do Rio de Janeiro enfatizam o papel das forças de segurança estatais na aquisição de munição por grupos armados não-estatais.

No caso de Uganda, as evidências apontam firmemente para os membros das forças de segurança na transferência de munição para os *karimojongs*. Isso ocorre na contramão de iniciativas sucessivas de desarmamento com o objetivo de conter o conflito nessa parte do país. No caso do Rio de Janeiro, não existem evidências suficientes para sugerir esse tipo de negociação. No entanto, existem evidências de que – seja pela venda, perda ou roubo – a munição das forças de segurança está alimentando a violência armada na cidade.

O problema do desvio de munição deve ser tratado para que se evite que as forças de segurança contribuam para a violência armada. ■